



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

AMANDA MONTEIRO BORTOLUZZI PIRES  
(13/0042561)

**URAI S VERMELHOS**  
O NILISMO AOS OLHOS DE DOSTOIEVSKI EM "OS DEMÔNIOS".

Brasília  
2017

AMANDA MONTEIRO BORTOLUZZI PIRES

(13/0042561)

## **URAI S VERMELHOS**

O NIILISMO AOS OLHOS DE DOSTOIEVSKI EM "OS DEMÔNIOS".

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília (UnB) como requisito parcial de obtenção do grau de licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Tremonte de Lemos.

Data da defesa: 11 de julho de 2017.

Banca Examinadora: Prof. Dr. André Leme Lopes, Prof. Dr. Daniel Faria e Prof. Dr. Thiago Tremonte de Lemos.

Brasília

2017

*"O que conto é a história dos dois próximos séculos. Descrevo o que vem, o que não pode mais vir de outro modo: o advento do niilismo. Essa história pode já agora ser contada: pois aqui obra a própria necessidade. Esse futuro pronuncia-se por toda a parte; para essa música do futuro, todos os ouvidos estão afinados".<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> NIETZSCHE, F. A Vontade de Poder. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008, pg. 23.

## SUMÁRIO

1. RESUMO	4
2. INTRODUÇÃO	5
3. PRIMEIRO CAPÍTULO: Dostoiévski em Evidência.	7
<b>3.1. Infância, Adolescência e Juventude;</b>	7
<b>3.2. A Estreia Literária;</b>	9
<b>3.3. Conspiração, Condenação e o Período Siberiano;</b>	10
<b>3.4. O Primeiro Casamento;</b>	11
<b>3.5. O Segundo Casamento, o Estrangeiro e "Os Demônios";</b>	13
<b>3.6. Os Momentos Finais;</b>	15
4. SEGUNDO CAPÍTULO: O Nihilismo em seu Idealismo e Sentido Político.	16
<b>4.1. Turgueniev e o Nihilismo em "Pais e Filhos";</b>	17
<b>4.2. O Nihilismo no Pensamento Russo;</b>	19
<b>4.3. Nietzsche e o Nihilismo de Caráter Filosófico;</b>	21
5. TERCEIRO CAPÍTULO: Os Urais Vermelhos.	23
<b>5.1. Dostoiévski e o Nihilismo Literário;</b>	24
<b>5.2. O Nihilismo Extremista Sob a Ótica de Dostoiévski;</b>	25
<b>5.3. Um Romance Panfletário: "Os Demônios";</b>	27
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
7. BIBLIOGRAFIA	35

## RESUMO

Em um momento de grande convulsão social e ideológico-política, um romance de caráter crítico-panfletário surgiu sobre o nome de um dos mais aclamados escritores russos: Fiodor Dostoiévski. Enquanto obra principal deste estudo, *Os Demônios* (1872), cujo desenvolvimento e publicação foram contemporâneos ao movimento niilista que acometera a Rússia no século XIX, traz uma ácida crítica da juventude russa e proporciona uma visão do movimento passível de ser trabalhada junto à historiografia. Como objetivo deste trabalho, então, está a discussão acerca do testemunho histórico presente na literatura, em especial, à que diz respeito a visão do niilismo encontrada na obra *Os Demônios* de Dostoiévski.

**Palavras Chaves:** Niilismo, *Os Demônios*, F. Dostoiévski, F. Nietzsche, Rússia.

## INTRODUÇÃO

A historiografia, em seu percurso e processo de rigor teórico e metodológico, é marcada por grandes temas recorrentes. O terrorismo, como esperado de uma das temáticas presentes no fazer história, foi trabalhado, e transformado, por assim dizer, em algo inteligível, capaz de ser racionalizado, até mesmo, em sua violência.

As produções culturais, nesse sentido, percorrem um caminho diferente ao da ciência. Autênticas em sua pluralidade, e abertas a fatores ficcionais para dar sentido aos aterros emocionais que é capaz de criar, estas — sejam filmes, músicas, fotografias, literatura, etc., — são fontes que, em sua essência, traduzem os impactos sofridos por culturas submetidas aos confrontos intelectual, idealista ou armado.

Este viés se aplica à obra de Fiodor Dostoievski que, impressionado pelo assassinato do jovem estudante I. I. Ivanov, e sensibilizado por sua longa experiência com movimentos "revolucionários", decide escrever a obra *Os Demônios* (1872), em uma tentativa de denúncia.

Este romance, tendo no cerne de sua existência a linha tênue entre realidade e ficção, é o testemunho em prosa estilizada de uma consciência eternamente motivada a encontrar a verdade, mas ainda sim, mergulhado em nuances de um possível fracasso, amargo.

Longe da pretensão de classificar, absolutamente, a obra *Os Demônios* como o absoluto testemunho do movimento niilista na Rússia, este trabalho se propõe, na verdade, a creditar esta produção cultural como uma representação do tempo em que está inserido e das convulsões sociais entre as quais Dostoiévski se via.

Afinal, Ivan Turgueniev (1818-1883) chegou a afirmar, pouco depois da publicação de seu romance *Pais e Filhos*, que Dostoievski fora um dos únicos a entender sua obra e o niilista em nela inserida, Bazárov. Por que não olhar para *Os Demônios*, assim, como, simplesmente "(...) a história de terroristas russos que, tramando violência e destruição, de fato matam um dos seus".<sup>2</sup> Pois,

---

<sup>2</sup> NABOKOV, Vladimir. Lições de Literatura Russa. São Paulo: Três Estrelas, 2015, pg 177.

(...) o romance foi denunciado como reacionário pelos chamados críticos radicais. Por outro lado, tem sido descrito como um estudo aprofundado de pessoas cujas ideias as conduziram a um pântano onde afundam.<sup>3</sup>

Por fim, esta pesquisa tem como objetivos analisar o testemunho de Dostoievski de forma a compreender como o movimento niilista na Rússia do século XIX fora assimilado não por seus participantes, mas pelo outro, aquele a olhar pela janela as inquietações de toda uma geração.

---

<sup>3</sup> Ibidem.

## **Dostoiévski em Evidência.**

### Primeiro Capítulo

Originado em uma família de descendência na Podólia<sup>4</sup>, Mikhail Dostoiévski, com sua tradição diversa e grandiosa, fora um quase sacerdote que, após ser admitido na Escola Médico-Cirúrgica de Moscou, tornou-se um dos médicos da campanha militar de 1812 para seguir um rumo civil em um hospital em Moscou, situado em frente a rua dos Asilos.

Ali, ao provavelmente confidenciar a um de seus colegas que estava em busca de uma esposa, fora apresentado à família do comerciante Fiodor Netchaiev que, em 1819, casou sua filha de 19 anos, Maria Fiodorovna, com o médico Mikhail Dostoiévski.

Fora a esses pais, em condições econômicas e de moradia modestas, que Fiodor Mikhailovitch Dostoiévski, o renomado escritor russo, nascera em 1821, no Hospital em que o pai clinicava.

E fora na severidade do pai e amor pela cultura da família, que o jovem Fiodor crescera com pouca liberdade por entre as margens do Hospital em Moscou e não muitos amigos, exceto seus irmãos.

### **Infância, Adolescência e Juventude.**

A organização familiar dos Dostoiévski, desde muito antes do nascimento de seu segundo filho homem, Fiodor Mikhailovitch, seguia a ordem da rotina diária do patriarca, Dr. Dostoiévski. Horários rígidos ditavam a movimentação de toda família que, apesar das crianças pequenas, costumava manter-se unida dentro do apartamento nos limites do Hospital em que o pai clinicava, sem grandes atividades ao ar livre, a menos que houvesse a permissão do mesmo.

Devido aos incentivos dos pais e ao grande tempo em casa, as crianças Dostoiévski "aprenderam a ler muito cedo, praticamente desde que deixaram o berço, ou com preceptores que vinham em casa ou com os irmãos e irmãs mais velhos; não lhes sobrava muito tempo livre para as alegrias e despreocupações próprias da infância"<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> Uma região ao sul-oeste da Ucrânia, ao sul da Volínia, a oeste da Dnípria e a leste da Galícia-Lodoméria.

<sup>5</sup> FRANK, 2008, pg. 50.



A vazão às suas atividades infantis fora dada apenas com a aquisição de uma pequena propriedade em Daravóie, em 1831, para onde Fiodor e Mikhail, seu irmão mais velho, iam em intervalos periódicos junto à mãe, Maria Fiodorovna. Aos arredores da propriedade, e longe da rigidez do pulso paterno, os garotos brincavam sob a supervisão dócil da mãe; momentos que, para Frank, foram não só os mais felizes da infância do autor, como também, a oportunidade para Fiodor "travar conhecimento com o campesinato russo"<sup>6</sup>.

Em 1833, no entanto, o tempo passado no campo diminuiu para os irmãos mais velhos. Começaram a atender o externato Souhard que, pela falta curricular do latim, motivou o Dr. Dostoiévski a ensinar os filhos a língua antiga, preenchendo as tardes no apartamento em Moscou com lições duras e coléricas.

A transição do lar para a escola fora um golpe duro em Fiodor, antes tão acostumado ao conforto de casa. E passado um ano, quando ambos foram mandados para o internato Tchermak para prosseguir seus estudos, a rotina dos tempos de escola tornara-se cada vez mais inflexíveis: seria dali para o futuro que o pai escolhera para ambos, a Academia de Engenharia Militar de São Petersburgo.

Com a mudança iminente e a deterioração da saúde da mãe, os últimos anos de Fiodor Dostoiévski em Moscou foram, no mínimo, turbulentos. De um lado, estava seu sonho, - e o de Mikhail, - em perseguir a fama e a fortuna de feitos literários, e de outro, a forma como Maria Fiodorovna definhava nas mãos da doença, preenchendo o apartamento em que moravam com incessantes visitas de médicos e familiares, na esperança de oferecerem-lhe conforto.

Ainda sim, apesar das diversas tentativas, Maria Fiodorovna veio a falecer em 1837, e o destino que o marido havia traçado para os filhos permaneceu o mesmo.

A morte de Maria Fiodorovna rompeu o vínculo emocional mais forte que ligava o jovem Dostoiévski à cidade de Moscou, mas nem por isso ele se sentiu mais ansioso por dar início à sua carreira na Academia de Engenharia Militar.<sup>7</sup>

Quando a data de inspeção para o ingresso na Academia chegara, no entanto, Fiodor fora o único aceito, e suas habilidades parcas em socializar acabaram confinando-o, em grande parte, aos livros.

---

<sup>6</sup> FRANK, op. cit., pg. 57.

<sup>7</sup> FRANK, op. cit., pg. 105.

O final de sua adolescência, e início de sua juventude, foram, assim, marcados por pouquíssimos eventos. Formou-se na Academia em 1843, e longe da tutela do pai, o qual acabara assassinado pelos camponeses da aldeia em Daravóie, pede demissão do exército em 1844 para seguir uma vida imersa na cena cultural da cidade.

### **A Estreia Literária.**

O romance que lançara o nome de Fiodor Dostoiévski no universo intelectual russo fora *Gente Pobre*. Uma vez terminado o manuscrito, o autor decidiu buscar a opinião de seu amigo e ex-colega de Academia, Grigóievitch, cuja algumas obras haviam sido publicadas.

O reconhecimento é instantâneo: Grigóievitch, em êxtase, leva o manuscrito ao diretor e proprietário da revista "O Contemporâneo", Niekrássov (1821-1878), que, em igual admiração, entrega à Belínski<sup>8</sup> (1811-1848), crítico influente no cenário russo da época, a obra não publicada de Dostoiévski.

O crítico, satisfeito com o manuscrito e de acordo com o alvoroço por trás do mesmo, exige ser apresentado ao novo autor: Dostoiévski se tornara, pela boca de Belínski, um dos mais influentes novos escritores. Seu romance não havia sido publicado e já era assunto nos círculos literários.

Em 1846, no entanto, *Gente Pobre* é, enfim, publicado no almanaque de Niekrássov, "Compilação de Petersburgo". A subsequente crítica escrita por Belínski, em "Os Anais da Pátria", apenas confirma a apreciação que Dostoiévski provara nos salões, mas as ondas de apreciação por parte de Belinski acabam tão logo *Gente Pobre* deixa de ser o único romance publicado do autor.

Com os trabalhos que se seguiram, o crítico não só questionou a genialidade literária de Dostoiévski, como afirmou ter-se enganado a respeito do mesmo, publicamente. As obras que seguiram seu primeiro romance, de forma alguma, atingiram os mesmos aspectos que *Gente Pobre*, e com a latente falta de sucesso, decaiu-se o espírito de Dostoiévski enquanto escritor.

---

<sup>8</sup> Vissarion Belínski foi um ensaísta, escritor, crítico literário e filósofo russo. É considerado o "pai da crítica social na literatura russa", e "influenciado pelo romance social, então em expansão, foi o inspirador ideológico" da escola natural, uma tendência literária. (BIANCHI, 2002/2003, pg. 87)

## **Conspiração, Condenação e o Período Siberiano.**

Com a desintegração do grupo de Bekétov<sup>9</sup>, - o qual Dostoiévski frequentava assiduamente, - e o rompimento com a Plêiade de Belínski, Dostoiévski passou a conduzir uma vida solitária no começo da primavera de 1847.

Joseph Frank atribuí à essa solidão a motivação de Dostoiévski em atender as reuniões, toda sexta-feira, na casa de um sujeito consideravelmente conhecido na cena intelectual de São Petersburgo: Petrachevski (1821-1866).

No início dos anos 1840, este começara a convidar seus amigos mais próximos para sua casa com o objetivo de debater ideias, e devido à sua extensa biblioteca com volumes "em diversos idiomas e sobre as mais importantes questões históricas, econômicas e sociopolíticas"<sup>10</sup>, a qual Petrachevski gostava de deixar à disposição de seus convidados, suas sextas-feiras ficaram cada vez mais conhecidas, até serem rebatizadas com o nome de seu líder: o círculo de Petrachevski.

No que diz respeito à Dostoiévski, fora apenas na primavera de 1847 que passara a frequentar os encontros, - apesar de não ser assíduo no primeiro um ano e meio, e de sua atitude para com o grupo ser bastante ambígua, se não cética.

Com a virada do ano rumo a 1848, no entanto, o espírito de rebeldia toma conta da intelectualidade russa, junto à eclosão das revoluções na Europa, e as fileiras do círculo de Petrachévski engrossam ainda mais.

Até então, a Polícia Secreta<sup>11</sup> prestava pouca atenção ao grupo, mas com o lançamento de uma petição, por parte de Petrachévski, em favor da revisão da legislação que regia a venda das grandes propriedades rurais, tanto o Ministério do Interior, quanto a Polícia, se viraram para os encontros com sentidos aguçados: estes passariam a ser monitorados, inclusive, por agentes infiltrados.

---

<sup>9</sup> Aleksei N. Bekétov, líder do grupo de amigos cuja composição exata é desconhecida, proporcionava encontros dos quais Dostoiévski participava. Em carta para Mikhail, Dostoiévski confessa o efeito benéfico em sua saúde física e mental que o grupo liderado por um de seus colegas mais íntimos da Academia de Engenharia causava. Não se sabe muito à respeito do círculo, apenas que este se dissolveu quando os dois irmãos mais novos de Bekétov partiram para continuar seus estudos na Universidade de Kazan, no início de 1847. (FRANK, 2008, pp. 263-284)

<sup>10</sup> FRANK, op. cit., pg. 314.

<sup>11</sup> Chamada de Terceira Seção da Chancelaria Imperial de Sua Majestade, e na época, comandada pelo conde A. I. Orlov, a polícia secreta, - como era mais conhecida, - foi a "polícia política" de Nicolau I, responsável pelo controle e censura de quaisquer manifestações do povo russo que, aos olhos do tsar, fossem nocivas ao governo.

De fato, a única sociedade secreta oriunda dessas sextas-feiras, fora o grupo formado por Nikolai Spechniev com sua maior inclinação a deixar o plano da discussão e investir em medidas mais práticas, na ação.

Se nos encontros de Petrachevski Dostoiévski esboçava um ceticismo evidente, entre o grupo de Spechniev, motivado por sua forte ligação com a causa da emancipação dos servos (1861), o autor parecia mais envolvido.

Independente de seus feitos, no entanto, na madrugada do último encontro do círculo de Petrachevski, Dostoiévski foi surpreendido pelo chefe da polícia de seu distrito. Depois de muita deliberação sobre a sentença, que transitou entre a pena de morte e trabalho forçado, Dostoiévski foi condenado a quatro anos de trabalho forçado como presidiário, seguidos de mais quatro como soldado raso. Mas não antes de ser amarrado ao poste de fuzilamento e receber sua real sentença sob a mira dos pelotões de execução.

### **O Primeiro Casamento.**

Em 1854, Dostoiévski deixa o presídio e é enviado como soldado para a primeira seção do sétimo batalhão da Sibéria, em uma pequena cidade chamada Semipalatinsk. Pelo bom comportamento, lhe é concedido o direito de morar fora do quartel, fator que favoreceu as novas amizades que forjara na cidade.

Além do barão Vrangel, promotor de Sua Majestade na cidade, Dostoiévski se aproximou da família Issáiev, composta pelo marido Alieksandr, sua esposa Maria Dimitrievna e o filho do casal, Pável Issáiev.

Quando Alieksandr apresentou Dostoiévski à esposa, esta se vê com o prospecto de um homem com o qual poderia conversar sobre literatura e outros assuntos, em contraste com o próprio marido que, por seu comportamento irregular e o péssimo hábito de beber, nunca obteve sucesso em parte alguma.

Maria Dimitrievna, na época, com aproximadamente 30 anos, era uma mulher doente, de temperamento exaltado, mas não menos admirável. Não tardou, assim, para que Dostoiévski se apegasse à sua companhia, apesar da certeza de não haver futuro para ambos com o autor ainda cumprindo sua pena e Maria sendo uma mulher casada.

A ligação estremece, no entanto, quando Alieksandr consegue um cargo de adjunto no Tribunal de Semipalatinsk, e a família resolve partir, o que causou grande desconforto a Dostoiévski que, independente da situação, manteve contato com a mulher de Issaiev.

Maria Dimitrievna acaba, pouco tempo depois de partir, se entusiasmando com o jovem professor do filho, e confessa a Dostoiévski seus sentimentos, causando-lhe uma reação colérica. Ainda sim, quando Alieksandr morre e o escritor recebe uma promoção dentro do Exército, Maria acaba por decidir casar-se com Dostoiévski em fevereiro de 1857.

Finalmente, dois anos depois da união, após quase uma década na Sibéria, Dostoiévski obtém licença para deixar o exército e mudar-se para Tver com sua esposa e enteado. Mas quando o governo não permite sua entrada em São Peterburgo ou Moscou, logo trata de enviar cartas ao tsar e a personalidades importantes, pedindo que a proibição fosse tirada, - fator que consegue em novembro de 1859.

A Rússia que encontrara na nova São Petersburgo, no entanto, em nada parecia com a que deixara para trás antes de sua prisão. Alexandre II era o novo tsar, o responsável pela libertação dos servos (1861), e seu nome há muito havia sido esquecido. Era mais uma vez um novato na cena literária de São Petersburgo, fundando um periódico, junto ao seu irmão Mikhail, chamado "Vriémia" (O Tempo), onde Turgueniev, Apolon Grigóriev e Strákhoc colaboraram, além do próprio Dostoiévski.

Em função do cunho político de algumas publicações da revista, não tardou para que a censura barrasse seu trabalho. De qualquer forma, Dostoiévski só recobra a fama com a publicação de *Memórias da casa dos mortos* que, supostamente, fizera até o tsar Alexandre II chorar ao terminar de ler.

Durante esse período, faz duas viagens ao exterior, entre as quais perde o irmão, Mikhail, e acaba por, ao voltar à Rússia, assumir o sustento de sua cunhada e sobrinhos, além das dívidas do irmão e o periódico que mantinha, "A Época".

Ao final de 1864, ano no qual a esposa Maria Dimitrievna morre, Dostoiévski é intimado a liquidar a dívida de Mikhail sob pena de morte e, aproveitando a situação em que Fiodor se encontrava, o editor de "A Época", Stolóvski, lhe faz uma oferta: três mil rublos pelo direito, concedido ao editor, de publicar todas as suas obras escritas até a data do contrato, além de uma obra inédita a ser entregue em novembro de 1866.

## **O Segundo Casamento, o Estrangeiro e "Os Demônios".**

Em uma tentativa de cumprir o contrato que assinara com Stolóvski, Dostoiévski viu-se em necessidade, após uma de suas frequentes crises epiléticas, de contratar uma estenógrafa para ditar o seu novo romance, *O Jogador*.

Fora-lhe recomendada para a posição, assim, uma jovem de 20 anos chamada Anna Grigórievna, com quem não tardou a formar laços, como ela mesma narra no livro que escrevera sobre Dostoiévski. Anna, sobre sua primeira visita, recordou:

À primeira vista, Dostoiévski pareceu-me bastante velho. Mas foi só começar a falar, que se tornou mais jovem, e pensei que não devia ter mais que trinta e cinco, trinta e seis anos. (...) O que mais me impressionou foram os seus olhos, eles eram diferentes: um castanho e, no outro, a pupila estava dilatada, e a íris, imperceptível. Esta dualidade dos olhos dava uma expressão misteriosa ao olhar de Dostoiévski.<sup>12</sup>

Apesar da desaprovação da família de Dostoiévski, logo após a entrega do romance no qual trabalharam juntos, o autor se casou com a jovem estenógrafa em fevereiro de 1867. Encontrou, diferente da experiência que tivera em seu primeiro casamento, uma companheira estável e carinhosa, a qual em nada acrescentou nos aterros emocionais com os quais Dostoiévski estava tão acostumado.

Teve, enfim, um lar ordinário em sua grande parte, até, atormentado pelas dívidas que herdara de Mikhail, penhorar os móveis da nova esposa e seguir rumo ao estrangeiro com o dinheiro que conseguira.

A estadia na Europa, da mesma forma que fora em sua terra natal, em nada favoreceu os problemas econômicos do casal. Produzia romances para cobrir os gastos e, já não bastasse as demais conturbações em sua vida, viu sua filha de 3 meses, - e a primeira de seu casamento, - falecer em Genebra, deixando Dostoiévski e Anna Grigórievna à beira do desespero.

Às margens de seus outros problemas, passados quase quatro anos no estrangeiro, a saudade da Rússia aparecia em cartas e demais registros do autor com uma frequência crescente. E apesar da dificuldade financeira real e tangível, e das preocupantes indicações de

---

<sup>12</sup> DOSTOIEVSKAIA, 1999, pg. 40.

que acabaria preso por dívida caso retornasse, Dostoiévski via até as transações literárias com revistas com as quais colaborava sendo agravadas pela distância.

Parecia ser o momento, se não inevitável, adequado, de retornar ao país de ambos. Anna Grigoriévna havia acabado de dar à luz a segunda filha do casal, as despesas apenas cresciam, e apesar do suporte que conseguira com *O Eterno Marido*, Dostoiévski se via em constante necessidade de mais.

Fora, então, através da leitura de artigos a noticiarem os acontecimentos na Rússia, que a atenção de Dostoiévski foi atraída, de forma a mudar o curso de sua vida literária, entre dezembro de 1869 e fevereiro de 1870, pelo assassinato do estudante Ivan Ivánov (1869) na Academia de Agricultura Petróvski de Moscou, por um grupo revolucionário liderado por Sergei Netchaiev<sup>13</sup> (1847-1882).

Batizado com o nome do líder, o caso Netcháiev motivou Dostoiévski a colocar de lado *A Vida de um Grande Pecador*, romance no qual trabalhava, e dedicar-se a um projeto pertinente às inquietações políticas da época. Nascia, assim, a ideia inicial de *Os Demônios*, um romance que pretendia escrever nas formas de um panfleto.

O livro baseia-se, em grande parte, no material que seu autor reuniu sobre o caso Netchaiev - relatos orais, reportagens de jornais, a propaganda que pode ter chegado a Europa e, posteriormente, todos os inúmeros documentos publicados em Petersburgo sobre o julgamento dos seguidores de Netchaiev.<sup>14</sup>

Apenas com a publicação da primeira parte deste romance é que Dostoiévski viu a oportunidade de retornar à sua Pátria, longe do medo causado pelas dívidas. E uma vez em São Petersburgo, encarou a volta como um recomeço em sua vida.

---

<sup>13</sup> Nascido em 1847 na pequena cidade de Ivanovo, centro têxtil situado a noroeste de Moscou, Netchaiev ascendeu de uma escolaridade adquirida por seus próprios esforços e um cargo de professor primário na escola paroquial de São Petersburgo, à personalidade importante entre os círculos de estudantes revolucionários. Gozou do apoio de Bakunin por um período de sua trajetória, mas após o assassinato de Ivanov, Bakunin e sua rede de apoiadores logo abandonaram seu suporte anterior. Netchaiev é detido perto de Zurique após escapar julgamento por seus crimes e extraditado à pedido do governo czarista, morrendo na prisão em 1882.

<sup>14</sup> FRANK, 2013, pg. 569.

## Os Momentos Finais.

De sua volta à pátria russa, até sua morte, passaram-se dez anos. Tempo, o qual, marcou uma nova etapa na vida de Dostoiévski, não só em termos geográficos, mas também, no que diz respeito ao seu espírito e a sua literatura.

No mesmo mês em que a última parte de *Os Demônios* fora publicada, em novembro de 1872, Dostoiévski concordou em editar uma revista semanal chamada "O Cidadão" (*Grajdánin*), propriedade do príncipe Mechtchérski, e a qual fora porta de entrada para Dostoiévski em um círculo sócio-político frequentado por homens de conexões e posições influentes no cenário russo.

Esse cargo, no entanto, fincara seus pés em uma posição específica, forçando a linha de equilíbrio que desenhara para si onde desempenhava o papel de um "crítico simpático" em contrapartida ao "opositor incansavelmente hostil"<sup>15</sup> das forças radicais. Ainda sim, seu flerte com os revolucionários lhe rendera o esfriamento de relações com Máikov e Strákhov, ambos amigos antigos, para, no fim, encontrar uma relação de certo diálogo com os revolucionários dos anos de 1870.

Foi apenas em 1876, no entanto, que Dostoiévski encontrara os "píncaros da fama". Ao escrever e editar o "Diário de um Escritor", Dostoiévski teve em mãos a publicação mais bem sucedida de sua espécie na Rússia, e Frank ainda acrescenta que, o Diário "exercera enorme influência sobre a opinião pública"<sup>16</sup>.

Dialogava com ambas as frentes da sociedade, revolucionários e opositos, e tecia diversos comentários a respeito, mas acima de seu sucesso com o "Diário de um Escritor", estava, ainda, sua nata inclinação ao romance. Julgou necessário interromper as atividades da publicação temporariamente para dedicar-se ao seu novo projeto: *Os Irmãos Karamázov*.

O livro, tendo como tema o parricídio, veio em eco às tentativas de assassinato contra o tsar, enquanto Dostoiévski ainda defendia que, inerente ao espírito russo, estava a união fraterna e a compaixão cristã.

E seus esforços, ante ao imenso cortejo que acompanhou seu cadáver sete meses depois, quando o autor faleceu, mostraram o real impacto de suas palavras na sociedade russa.

---

<sup>15</sup> FRANK, op. cit., pg. 648.

<sup>16</sup> FRANK, 2012, pg. 649.



## O Niilismo em seu Idealismo e Sentido Político.

### Segundo Capítulo

Um estranho bateu à porta da Rússia do Século XIX, e muitos foram aqueles a questionar o que o trazia até ali<sup>17</sup>. Na tentativa de compreendê-lo não apenas no confinamento das margens russas, no entanto, alguns homens puseram-se à frente e decidiram tentar dar-lhe sentido.

Fora, dessa forma, que Nietzsche o definiu como a desvalorização dos valores supremos<sup>18</sup>; Turgueniev, como aquilo que constitui a habilidade de negar<sup>19</sup>; Volpi, como uma "situação de desnortamento"<sup>20</sup>; e Vattimo, como algo que apenas "existe em ato"<sup>21</sup>.

Mas em seu âmago, - por mais que estes sejam apenas alguns dos vários nomes que puseram-se diante do visitante em questão, - todos concordavam em um ponto: este era um estranho capaz de causar as mais diversas inquietações, e um capaz de atingir não só a *intelligentsia* russa, mas as mais variadas camadas sociais do Império do Tsar Alexandre II.

Afinal, fora um de seus súditos que, ao dar, enfim, um nome ao visitante<sup>22</sup>, lhe tornou uma figura concreta e "existente na cena social"<sup>23</sup>. Inaugurando, oficialmente, assim, a história do Niilismo no território russo.

---

<sup>17</sup> Analogia ao início do livro *A Vontade de Poder*, de Nietzsche, onde o autor diz estar à porta o niilismo, e questiona: "de onde nos vem esse mais inquietante de todos os hóspedes?" (NIETZSCHE, 2008, pg. 27).

<sup>18</sup> Quando diz: "Que significa niilismo? - Que os valores supremos desvalorizem-se" (NIETZSCHE, 2008, pg. 29).

<sup>19</sup> Em um dos diálogos entre Bazárov, Arkádi, Nikolai e Pável, o "niilista" por auto-declaração do romance diz: "Nossas ações se fundamentam naquilo que julgamos útil (...) nos tempos atuais, o mais útil é a negação: nós negamos" (TURGUENIEV, 2016, pg. 74).

<sup>20</sup> "O niilismo constitui, assim, uma situação de desnortamento provocado pela falta de referências tradicionais, ou seja, dos valores e ideias que representavam uma resposta aos porquês e, como tais, iluminavam a caminhada humana" (VOLPI, 2012, pg. 8).

<sup>21</sup> "O niilismo existe em ato, não se pode fazer um balanço dele (...)" (VATTIMO, 1996, pg. 3).

<sup>22</sup> A questão da pretensa paternidade de Turgueniev quanto ao vocábulo, no entanto, é mergulhada em suas próprias problemáticas, como visto em *O Niilismo*, de Volpi (2012).

<sup>23</sup> Prost é um a notar, ao citar Bourdieu, que "dizer, é fazer; dizer o grupo, nomeando-o, é dá-lo como existente na cena social" (PROST, 1998, pg. 130). Não que Turgueniev tenha forjado, do ar, uma geração inquieta e questionadora de valores fundamentais à sociedade russa da época, mas a ideia de que, ao nomeá-los, estes tomaram forma mais concreta, é uma hipótese a se considerar. Pois foram reconhecidos, através do vocábulo utilizado pelo autor, também, pelos outros. Pela sociedade em si. Deixaram de ser o estranho à porta, vagando sem nome, para o visitante apresentável, quer seja esse bem vindo, ou não.

## Turgueniev e o Niilismo em "Pais e Filhos".

Entre o fim de 1860, e o início de 1862, Ivan Turgueniev escreveu um de seus mais importantes romances, o chamado *Pais e Filhos*. Ambientado na Rússia de 1859, a trama do romance é focada no conflito entre duas gerações: a dos "pais", "inspirada nos ideais humanistas tradicionais"<sup>24</sup>, e assim, a antiga visão de mundo, e a dos "filhos", materialistas subversivos que a tudo questionam, e a tudo negam. Mas foi ao se propor a investigar o novo quadro social em que se via inserido, que o autor apresentou, por entre suas páginas, a figura de um herói chamado Bazárov, um jovem niilista.

Após a introdução do controverso personagem, então, as perguntas já presentes entre os russos se apresentaram: o que isto significava? Quem era, ou o que era, este tal niilismo?

A resposta veio logo no início do romance, quando Pável Petróvitch, um dos representantes do desconhecimento do niilismo e da geração a preceder a juventude subversiva na qual Turgueniev buscava inspiração, questiona seu sobrinho, Arkádi, e amigo íntimo de Bazárov, o que ele era, precisamente?

— É um niilista.

— Como? — perguntou Nikolai Petróvitch, enquanto Pável Petróvitch se punha imóvel, a faca erguida no ar com um pouco de manteiga na ponta da lâmina.

— Ele é um niilista — repetiu Arkádi.

— Niilista — disse Nikolai Petróvitch. — Vem do latim nihil, nada, até onde posso julgar; portanto essa palavra designa uma pessoa que... que não admite nada?

— Digamos: que não respeita nada — emendou Pável Petróvitch e novamente se pôs a passar manteiga no pão.

— Aquele que considera tudo de um ponto de vista crítico — observou Arkádi.

— E não é a mesma coisa? — indagou Pável Petróvitch.

— Não, não é a mesma coisa. O niilista é uma pessoa que não se curva diante de nenhuma autoridade, que não admite nenhum princípio aceito sem provas, com base na fé, por mais que esse princípio esteja cercado de respeito.<sup>25</sup>

Apresentava-se, assim, o batismo de uma geração e o evidente distanciamento da velha e nova visão do mundo. Pois, por mais que o vocábulo não tenha sido inventado, propriamente, por Turgueniev, o mérito de sua popularização, aplicada a este grupo, em específico, recai todo em suas costas.

---

<sup>24</sup> VOLPI, 2012, pg. 11.

<sup>25</sup> TURGUENIEV, 2016, pg. 36.

Fez-se presente, através de *Pais e Filhos*, a imagem de um jovem disposto a negar os princípios amparados pela tradição, em prol do científico, do princípio naturalista. Um homem, à imagem de um médico de origem humilde, chamado Bazárov, que proclama: "Aristocratismo, liberalismo, princípios, progresso (...) Vejam só! Quantas palavras estrangeiras... e inúteis! O homem russo não necessita delas"<sup>26</sup>.

Bazárov torna-se, na narrativa, o "cheiro de tabaco barato"<sup>27</sup>, a "representação literária dos *raznotchíntsi*, intelectuais provindos das camadas sociais mais baixas, tais como, no contexto histórico, os críticos literários Vissarion Belinski, Nikolai Tchernichévski (1828-1889) e Nikolai Dobroliúbov"<sup>28</sup>, a bater de frente com os aristocratas, os irmãos Kirsánov, os "velhos-românticos", e a aliciar, na concepção corrupta do termo, aos olhos da velha geração, o herdeiro Arkádi.

É o arquétipo do jovem, intitulado niilista, que não faz concessões morais ou sociais à aristocracia e aos princípios consagrados por fé ou tradição. Bazárov os nega, enfaticamente, em benefício do nascimento de uma nova Rússia.

Mas a nação a receber esta narrativa não nutria as mesmas aspirações como um todo. Sobre os efeitos de sua representação, Turgueniev escreve:

Não vou me estender sobre a impressão que essa narrativa causou. Direi apenas que, ao voltar a São Petersburgo, no mesmo dia do famoso incêndio do Apraksinski Dvor [prédios do grande mercado da cidade], a palavra "niilista" estava na boca de todo o mundo, e a primeira coisa que ouvi do primeiro conhecido que encontrei na Neva [avenida principal de São Petersburgo] foi: "Vejam o que fizeram seus niilistas! Incendiaram São Petersburgo!"<sup>29</sup>

A própria forma como o "outro" recebeu o fenômeno niilista em muito implicava a vontade de deter o movimento dos ideais e suas convulsões sociais. Em outra esfera, a recepção do romance entre os próprios niilistas não fora, de forma alguma, menos polêmica.

Nabokov, ao analisar a obra de Turgueniev, coloca como o calor romântico a envolver a alma de Bazárov "o choca, mas satisfaz as exigências da verdadeira arte ao

---

<sup>26</sup> TURGUENIEV, op. cit., pg. 84.

<sup>27</sup> Um dos aromas a descrever o quarto do herói do romance, como Turgueniev coloca: "se fazia sentir um certo aroma médico-cirúrgico misturado a um cheiro de tabaco barato" (TURGUENIEV, op. cit., pg. 62).

<sup>28</sup> HUGUENIN, 2013, pg. 3.

<sup>29</sup> TURGUENIEV, 1992, pg. 187-188.

ênfatizar em Bazárov a lógica da juventude em todo o mundo, que transcende a lógica do sistema local de pensamento - nesse caso, o niilismo"<sup>30</sup>.

Esse transcender do *modus operandi* dos niilistas, e talvez, a própria concepção de que ser niilista é, necessariamente, um fator que exclui o dito "calor romântico" da juventude mundial<sup>31</sup>, foram os fatores de grande incômodo para uma parcela dos reais niilistas da época e, ainda sim, uma admirável releitura do "homem ideal" para os restantes. E fora este conflito entre opiniões que recebera o romance.

*Pais e Filhos*, e conseqüentemente, Bazárov, fora um divisor de águas no pensamento russo. Pois, se Turgueniev pode ser considerado o popularizador do niilismo na Rússia do século XIX, pode, também, ser visto como o homem a traçar uma divisão clara entre as frentes niilistas, ainda que involuntariamente.

### **O Niilismo no Pensamento Russo.**

O primeiro nome de grande impacto no movimento subversivo russo a proclamar-se niilista fora o do crítico literário da revista "Ruskoe Slovo" (Palavra Russa), Dimitri Píssarev (1840-1868). Um dos três a formar, segundo Adrzej Walicki, a "tríade radical dos "iluministas" da década de 1860"<sup>32</sup>, Píssarev viu em Bazárov o exemplo impecável do "homem novo", a despeito da opinião de Tchernichévski e Dobroliúbov (1836-1861), outros dois membros da tríade, que juntaram-se "a maior parte da juventude daqueles anos" ao afirmarem não serem "legitimamente representados no romance de Turgueniev"<sup>33</sup>.

Enquanto o utilitarismo anti-estético de Bazárov aparecia no ensaio de 1865 de Píssarev, "A Destruição da Estética", Tchernichévski escrevia seu próprio romance, *O que fazer?*, em resposta a Turgueniev, cujo livro *Pais e Filhos* foi recebido, por esta parcela do movimento, - e conseqüentemente, pela frente da revista "Sovremiénik" (O Contemporâneo), editada por Tchernichévski e Dobroliúbov, - como uma ironização das ideias e posturas niilistas, sendo a própria denominação rejeitada.

---

<sup>30</sup> NABOKOV, 2015, pg. 111.

<sup>31</sup> Ou ainda, se levado ao próximo nível, dizer que existe um "calor romântico" entre os jovens, de qualquer forma.

<sup>32</sup> WALICKI, 1979.

<sup>33</sup> HUGUENIN, op. cit., pg. 8.

No periódico editado por Dostoiévski, "Vriemia" (Tempo), Nikolai Strákhov comenta como Tchernichévski seria "o alicerce e o princípio", enquanto Píssarev, "a consequência e a conclusão"<sup>34</sup>. Pontos que já divergiam no cerne niilista e que só se acentuaram com o tempo. Afinal, para o movimento niilista na Rússia do Século XIX, uma análise das produções e representações, escritas pelos observadores do movimento, ou partidários do mesmo, como expressões de um conjunto coerente, apenas seria um equívoco em direção a um núcleo concreto e unificador inexistente no niilismo russo<sup>35</sup>.

Uma espécie de prodígio, Dobroliúbov fora, como Tchernichévski, um expoente entre os *raznotchíntsi*, mas sua morte prematura, aos 25 anos de idade, cortou qualquer contribuição que pudesse dar ao movimento. Já Tchernichevski, "um líder natural de uma geração desencantada, de origens sociais misturadas"<sup>36</sup>, demonstrou em seu romance como "as maneiras de falar não são inocentes, e a língua que se fala estrutura as representações do grupo a que se pertence ao mesmo tempo que, por um processo circular, dele resulta"<sup>37</sup>.

A dita "tríade iluminista" de Walicki era fruto de uma geração desencantada, testemunha da derrota dos partidos revolucionários europeus nos anos 1840 e amargurada "pela falência de seus primeiros ideais" e "pela repressão do governo"<sup>38</sup>. Mas com a morte de Dobroliúbov e Píssarev, e a prisão de Tchernichévski em 1862, o movimento niilista "se tornou acéfalo"<sup>39</sup>, apesar da contínua expansão.

O jovem estudante Zaitchniévski expressou, no panfleto clandestino "A Jovem Rússia", que circulou em São Petersburgo em 1862, um desejo de "transformação da ordem vigente sem intermediações, sem gradualismos ou paliativos implementados a partir do alto"<sup>40</sup>. E em prol da extinção do símbolo do poder, surgiu o movimento "Vontade do Povo", cujo objetivo fora atingido com as bombas dos *narodnovoliki* que, em 1881, eliminaram o tsar Alexandre II.

---

<sup>34</sup> FRANK, 2002, pg. 249.

<sup>35</sup> Bebe da questão das produções culturais, como tratadas por Revel em "Cultura, culturas: uma perspectiva historiográfica", quando este diz: "Renuncia-se a analisar as produções e representações culturais como expressões de um conjunto coerente (civilização, cultura, mentalidade, Weltanschauung, estrutura, etc.) (...)" (REVEL, 2009, pg. 127).

<sup>36</sup> BERLIN, 1988, pg. 228.

<sup>37</sup> PROST, 1998, pg. 130.

<sup>38</sup> BERLIN, 1988, pg. 228.

<sup>39</sup> VOLPI, 2012, pg. 38.

<sup>40</sup> HUGUENIN, op. cit., pg. 9.

Mas o niilismo como visto em seu estágio inicial, com Pissarev e Tchernichévski como seus líderes, exponenciou em algo a mais, em um movimento essencialmente radical e, posteriormente, associado ao terrorismo.

### **Nietzsche e o Niilismo de Caráter Filosófico.**

Mas, se o niilismo enquanto movimento ideológico-político se expressou dessa forma na Rússia, cabe buscar em um de seus mais proeminentes filósofos uma compreensão capaz de ir além da auto-definição, - por parte dos jovens russos que trouxeram o fenômeno para debate nos grandes meios de comunicação da época, como citado anteriormente, - ou do olhar do outro, - aqui representados por Turgueniev e, posteriormente, Dostoiévski.

Nietzsche foi, no caráter propriamente filosófico, o fundador do niilismo. Por toda sua obra, este foi uma constância, quer fossem suas margens bem desenhadas, ou um eco por entre as linhas. É em *A Vontade de Poder*, no entanto, que o niilismo, de fato, é conceituado, questionado e colocado em ênfase.

A palavra "niilismo" aparece pela primeira vez, em Nietzsche, em anotações do verão de 1880, mas traços do mesmo já haviam sido trabalhados quando falou da "morte de Deus". É, entre essa e outras evidências, que Volpi alega não ser exagero, "portanto, considerar Nietzsche o profeta máximo e o teórico maior do niilismo"<sup>41</sup>.

O que significa "niilismo", no entanto, nas palavras de Nietzsche? O filósofo o conceitua como o "tornar-se consciente do grande e duradouro desperdício de força, o tormento do "em vão", a insegurança (...)"<sup>42</sup>. E vai além em afirmar que o niilismo seria, na verdade, necessário.

No início de *A Vontade de Poder*, é estabelecido que, ao invés de ser causado por corrupção, calamidades sociais ou degeneração fisiológica, o niilismo finca suas raízes na moral cristã, a qual seria "o dar as costas à existência por parte da vontade"<sup>43</sup>.

Logo, se novos valores são necessários para abriremos mão dessa moral nociva, é através do niilismo, - que, em primeiro lugar, já nos alerta da primordial necessidade de nos reinventarmos, - que os encontraremos.

---

<sup>41</sup> VOLPI, op. cit., pg. 43.

<sup>42</sup> NIETZSCHE, 2008, pg. 31.

<sup>43</sup> Ibidem.

Ainda sim, o niilismo é compreendido, assimilado e vivido de forma não-coesa. Nietzsche classifica essa experiência:

1. Niilismo incompleto: aquele que destrói os antigos valores, mas os substitui por novos, como visto no âmbito do saber científico, na esfera política (o niilismo russo) e no campo artístico;
2. Niilismo completo: aquele que destrói não só os antigos valores, como o espaço que ocupavam.

Existe, assim, uma sequência teórica coerente a definir o niilismo em Nietzsche: o que é, de onde vêm e como se dá.

Demonstrado, assim, a natureza filosófica do niilismo em Nietzsche, o responsável por sua popularização na Rússia Imperial e como a intelligentsia russa o acolheu e fez dele a sua causa, cabe agora analisar o porquê de Volpi ter considerado Dostoiévski, entre tantos autores, o pai do niilismo de caráter literário<sup>44</sup>.

Obviamente, o recorte há de ser bem mais amplo para compreender, em sua totalidade, a presença do niilismo na obra da vida do autor, mas se a proposta é um estudo focado, nenhum romance serviria melhor o propósito desta análise, do que a primeira obra de cunho político-panfletário que Dostoiévski escrevera: *Os Demônios*.

---

<sup>44</sup> "É opinião comum que Dostoiévski e Nietzsche são os dois fundadores e os principais teóricos do niilismo. Ao primeiro se liga o niilismo de caráter literário; ao outro, o de perfil propriamente filosófico" (VOLPI, op. cit., pg. 11).

## Os Urais Vermelhos.

### Terceiro Capítulo

O território russo, quando foi limitado em fronteiras, abrigou entre suas terras uma cordilheira de montanhas cujo significado simbólico apenas crescera com o tempo. Um dos monumentos naturais mais antigos, os Montes Urais<sup>45</sup> testemunharam a passagem de milhares de homens vindos de Moscou, rumo ao obelisco de Ecaterimburgo, através da Trakt, que, condenados pelo tsar da Rússia Imperial, nos tempos de opressão, davam adeus à sua liberdade e recebiam sua vida como prisioneiros.

Um dos nomes de tais condenados políticos era Fiodor Dostoiévski, - ainda que não no exato recorte acima. Um homem que, após ter sua pena de morte perdoada e passar por uma longa estadia na Sibéria, dedicou-se aos problemas, por vezes inflamados, da alma russa, ao escrever seus icônicos romances.

Contemporâneo às convulsões ideológico-políticas do século XIX, Dostoiévski tratou de temas cruciais para a compreensão do pensamento russo, especialmente o que diz respeito ao niilismo.

Assim como Nietzsche, Dostoiévski compreendeu que o niilismo, - em específico, nesse caso, o que acometeu a Rússia, - teve como fonte as ideologias religiosas. Não é de se espantar, então, que seus romances e analogias estruturais foram de grande influência sobre Nietzsche que, em uma carta a Overbeck, em 1887, disse:

Algumas semanas atrás, eu, pessoa ignorante que não lê "revistas", nem tinha ouvido falar dele! Passando por uma livraria, vi, por acaso, o *Esprit Souterrain*, livro dele que acabava de ser traduzido para o francês (...). O instinto de afinidade (ou como devo chamá-lo?) se fez sentir imediatamente, minha alegria foi extraordinária...<sup>46</sup>

Qual seria, por fim, a relação de Fiodor Dostoiévski com o niilismo, quer este seja filosófico, ideológico-político ou estético-literário?

---

<sup>45</sup> Os Montes Urais são uma cordilheira de montanhas na Rússia, comumente associada à fronteira entre Europa e Ásia. Sua extensão vai das estepes cazaques, ao longo da fronteira norte do Cazaquistão, até a costa do oceano Ártico.

<sup>46</sup> NIETZSCHE, 1986: v. VIII, pg. 27.



## Dostoiévski e o Niilismo Literário.

Enquanto Nietzsche foi o responsável pela conceituação filosófica do niilismo, Dostoiévski trabalhou com profundidade esse cenário, dando corpo a instituições e temas filosóficos marcantes no pensamento do século XIX.

Mas se esse tema protagonizou os escritos de Dostoiévski, foi por este dedicar seus romances às "contradições do espírito russo" e à "todas as antinomias presentes na Rússia"<sup>47</sup>. Dostoiévski chegou a escrever em seu diário, inclusive, que "o niilismo apareceu na Rússia porque todos os russos eram niilistas"<sup>48</sup>.

Seu objetivo, então, fincava-se na pretensão em demonstrar o perigo por trás das ilusões radicais que, inevitavelmente, afetariam a sua personalidade humana em geral. Experiência que, em sua juventude, Dostoiévski teve, e que, posteriormente, veio a se confirmar em 1862, quando visitou a Europa e concluiu que a cultura ocidental havia se tornado depravada, a ponto de perderem seu senso moral.

Dostoiévski estava convencido de que a Europa era uma cultura moribunda - uma cultura que perdera o elo de unidade espiritual que antes possuía. Assim, era simples para ele penetrar no fino tecido da brilhante superfície européia e detectar instantaneamente a corrupção que estava escondida por baixo.<sup>49</sup>

E se essa era sua percepção do continente de onde se exportava a educação dos jovens russos, é apenas lógica sua conclusão de que a juventude de sua nação estava alienada, e em última instância, cada vez mais distante dos valores e crenças de seu povo.

Um ponto importante em sua visão, no entanto, residia no fato de repudiar qualquer tipo de violência contra os jovens niilistas. Dostoiévski acreditava ser suficiente adverti-los das consequências caóticas, e nesses moldes, produziu seus romances.

Em essência, Dostoiévski vê uma espécie de eco dos "sonhos utópicos" de 1840 no movimento da juventude de 1860. Mas ainda sim, o autor não deixou de perceber e relatar em *Memórias do Subsolo*, como a ideologia niilista "privava o homem de seu direito de escolha"

<sup>50</sup>. E escreve:

---

<sup>47</sup> BERDIAEFF, 1921, passim.

<sup>48</sup> OLIVEIRA, 2012, pg. 58.

<sup>49</sup> FRANK, 2002, pg. 329.

<sup>50</sup> OLIVEIRA, op. cit., pg. 55.

(...) a própria ciência há de ensinar ao homem (embora isso seja, a meu ver, um luxo) que, na realidade, ele não tem vontade nem caprichos, e que nunca os teve, e que ele próprio não passa de tecla de piano ou de um pedal de órgão; e que, antes de tudo, existem no mundo as leis da natureza, de modo que tudo o que ele faz não acontece por sua vontade, mas espontaneamente, de acordo com as leis da natureza.<sup>51</sup>

No fim, Dostoiévski acreditava na completa liberdade do homem, e o ideal estritamente racional lhe privava da espontaneidade, manifestação pura do ser que é livre. Berdiaeff, em *O Espírito de Dostoiévski*, afirma que, "(...) só no momento em que o homem se ergue contra a ordem objetivamente estabelecida do universo, se arranca da natureza, das suas raízes orgânicas e manifesta seu arbitrário, só então seu destino interessa a Dostoiévski"<sup>52</sup>.

Indo ao encontro com o autor acima, em uma ótica consagrada por Bourget<sup>53</sup>, Dostoiévski teria o ponto de vista capaz de encarar a decadência e fazer uso de seus valores estéticos. Em *Crime e Castigo*, do momento em que Raskolnikov comete o assassinato que move a trama, a deterioração de sua sanidade, o embate moral e sua relação com personagens de caráter "questionável"; todos são pontos da evidente decadência ante a tradição moral e bons costumes, e seu valor estético é o que origina o romance em primeiro lugar.

Da mesma forma, em *Os Irmãos Karamázov*, os traços niilistas se manifestam em Ivan. Engenhoso ateu, a personagem nos conduz através da "realidade deste mundo subordinado ao Mal"<sup>54</sup> e é, ainda, outro passo rumo a crise que corrói a alma russa, - tema do qual se ocupa Dostoiévski.

Todas são, assim, personagens e atribuições que expõem quão magistralmente o autor era capaz de desenvolver, em suma, o tema do niilismo.

### **O Niilismo Extremista sob a Ótica de Dostoiévski.**

Com o fim das atividades intelectuais da tríade "iluminista"<sup>55</sup>, o niilismo no pensamento russo do século XIX atingiu níveis extremos. Em 1º de abril de 1881, as bombas

---

<sup>51</sup> DOSTOIEVSKI, 2000, pg. 37.

<sup>52</sup> BERDIAEFF, op. cit., pg. 48-49.

<sup>53</sup> BOURGET, 1993.

<sup>54</sup> VOLPI, 2012, pg. 42.

<sup>55</sup> Como mencionado anteriormente, esta era formada por Tchernichévski, Píssarev e Dobroliúbov.

dos *narodnovoliki* mataram o tsar Alexandre II e, como uma espécie de represália, "sobreveio a mais violenta repressão, sendo nela capturado o extremista Sergei G. Netchaiev, autor de um *Katechizis revoljucionera* (Catecismo de um Revolucionário), cujas teses se distinguem por um impiedoso senso de organização em prol da fé revolucionária"<sup>56</sup>.

Nasceu, assim, a expressão "netchaievismo", o vocábulo a designar a forma mais intransigente de niilismo político. E enquanto Aleksandr Herzen<sup>57</sup> (1812-1870) o recusava, Mikhail Bakunin<sup>58</sup> (1814-1876) compartilhava essa forma radical de conceber a ação revolucionária, - ainda que mais tarde venha a apresentar ressalvas quanto à Netchaiev. Surge, novamente, uma dicotomia no mundo niilista<sup>59</sup>: "extremismo radical e rebelde em Bakunin, moderação e concretude em Herzen"<sup>60</sup>.

Em Bakunin, havia um niilismo a unir ideias anarquistas, socialistas e utópico-libertárias. A pura exaltação da força que aniquila e destrói. Já Herzen discordava do netchaievismo e do extremismo revolucionário de Bakunin. Marcou sua luta "pela moderação que o amor à cultura e à história lhe passava"<sup>61</sup>.

A figura de Netchaiev, ainda sim, gerou polêmica para ambas as partes. Quando sob proteção de Bakunin, que em um primeiro contato, via em Netchaiev seu discípulo, a busca por dinheiro para a campanha que Bakunin e Netchaiev pretendiam fazer na Rússia em prol da causa revolucionária, acabaria os levando a Herzen e seu amigo, o poeta Ogarev. Mas Herzen, munido de suas incontáveis ressalvas ante à Netchaiev, precisou ser convencido por Ogarev para entregar ao rapaz a soma de 20.000 francos destinada à causa.

---

<sup>56</sup> VOLPI, op. cit., pg. 39.

<sup>57</sup> Foi um intelectual russo conhecido como "o pai do socialismo russo", sendo um dos principais influenciadores do pensamento populista-agrário. Com seus escritos, tentou influenciar a situação na Rússia, contribuindo para um clima político que levou à emancipação dos servos em 1861.

<sup>58</sup> Nascido em 1814, em uma família nobre, Mikhail Alexandrovich Bakunin foi um intelectual russo de grande importância em meados do século XIX. Segundo Benoit-P. Hepner, sua biografia intelectual pode ser dividida em quatro partes: um período russo, sob forte influência dos idealistas alemães, que apesar de ser interrompida por sua partida para Berlim em 1840, estende-se até 1842; 2. seguido por um período, de 1842 a 1849, marcado pelo "convívio com radicais alemães e pela agitação revolucionária, com a participação de Bakunin nas revoluções: Paris em fevereiro de 1848, Praga em junho de 1848, e Dresda em maio de 1849"; dá-se início ao terceiro período quando Bakunin é preso e extraditado, passando um período de dois anos na Sibéria; por último, ao evadir-se em 1861 para o Japão, e depois, para os EUA, Bakunin participa da insurreição lionesa e dedica-se à "propaganda revolucionária em Itália e na Espanha, enquanto que a luta contra Marx, no seio da AIT, o leva a elaborar a sua doutrina do anarquismo revolucionário". O quarto e último período termina com sua morte, em 1876. (BENOIT-P. apud PRÉPOSIET, 2007, pg. 233)

<sup>59</sup> Como ocorrera, anteriormente, entre Pissarev e Tchernichévski, em relação ao romance *Pais e Filhos* e a recepção de Bazárov enquanto modelo ideal do "homem novo".

<sup>60</sup> VOLPI, op. cit., pg. 39.

<sup>61</sup> VOLPI, op. cit., pg. 40.

Munido do dinheiro e da recomendação de Bakunin, Netchaiev retornou à Rússia para se inserir novamente no cenário estudantil-revolucionário. Foi nesse momento que o assassinato de Ivanov se deu lugar, e uma vez revelada a ausência de limites em Netchaiev, não tardou para que Bakunin rompesse relações com o jovem, chegando a escrever para Alfred Talander, socialista independente e amigo pessoal de Bakunin, para alertá-lo sobre Netchaiev, ao dizer: "(...) É um fanático devoto, mas, ao mesmo tempo, um fanático muito perigoso e cuja aliança só pode ser funesta para toda a gente"<sup>62</sup>.

Dostoiévski, para além do seu envolvimento com o niilismo sem nome, - pré-Turgueniev, por falta de uma melhor forma de designá-lo, - debruçou-se no niilismo radical, se não com mais atenção, de forma igual. Fato assegurado pela personagem de Piotr Stepenovitch, em *Os Demônios*, que fora inspirado em S. Netchaiev, e confirmado, quando Frank coloca:

Na Europa, as proclamações do trio Netchaiev-Bakunin-Ogariov enviadas para a Rússia eram encontradas também em livrarias russas que Dostoiévski frequentava ocasionalmente e nas quais, como se queixou, tudo o que conseguia encontrar eram as obras dos exilados e dos radicais.<sup>63</sup>

Dostoiévski, portanto, nunca estivera muito longe da frente radical do niilismo. Ainda no estrangeiro, estava em constante contato com os feitos da mesma, e fora com essa motivação que, ainda na Europa, se pôs a desenvolver um romance pertinente aos acontecimentos do momento histórico que a Rússia vivia.

### **Um Romance Panfletário: "Os Demônios".**

Que a morte do estudante Ivanov fora a primeira peça de dominó a cair para desencadear o que viria a se tornar o romance *Os Demônios*, é um ponto unânime entre todos os autores que se debruçaram sobre a obra.

Dostoiévski, que na época se dedicava ao romance *A Vida de um Grande Pecador*, interrompeu as atividades para o livro e dedicou-se ao novo projeto, ainda que este tomasse

---

<sup>62</sup> BAKUNIN apud PRÉPOSIET, 2007, pg. 422.

<sup>63</sup> FRANK, 2013, pg. 523.

forma com menor esplendor literário e mais tendencioso ao formato panfletário. O autor, em carta à N. N. Strákhov, disse:

Tenho depositado fortes esperanças no romance que escrevo atualmente para "*Russki Vestnik*", mas não por causa de seu lado literário, e sim, por sua parcialidade: quero expressar alguns pensamentos, mesmo que, com isso, o lado literário morra. Me atrai aquilo que acumulei na mente e no coração; que saia um panfleto, mas direi tudo.<sup>64</sup>

Anna Grigorievna, esposa de Dostoiévski na época, revelou em suas memórias que, com este ímpeto confessado à Strákhov, nascia *Os Demônios*, e comentou, ainda, sobre o papel de seu irmão, Ivan Snítkin, na desenvoltura da obra.

O aparecimento do novo tema foi influenciado pela visita do meu irmão. Fiodor Mikhailovitch, ao ler vários jornais estrangeiros (que publicavam artigos que não saíam na imprensa russa), concluiu que na academia de agricultura Petrovskaia não demoraria para acontecerem distúrbios políticos. Temendo que meu irmão, por sua juventude e indecisão, pudesse participar deles ativamente, meu marido convenceu minha mãe a convidar o filho para passar um tempo conosco, em Dresden. (...) Então, Fiodor Mikhailovitch teve a ideia de descrever, em um de seus contos, o movimento político daquela época e mostrar como um de seus principais heróis, o estudante Ivanov (de sobrenome Chatov), é morto posteriormente por Netchaiev. (...) A descrição do parque da Academia Petrovskaia e da gruta onde mataram Ivanov, Fiodor Mikhailovitch tirou dos relatos do meu irmão.<sup>65</sup>

Frank, em sua biografia de Dostoiévski, alega ser um relato confiável, mas alerta sobre o crédito a ser dado: Anna Grigorievna poderia, muito bem, ter atribuído às conversas da família sobre Ivanov mais significado do que, de fato, tinha, em uma simples tentativa de dar "brilho ao brasão da família"<sup>66</sup>.

De qualquer forma, era este o cenário doméstico e as notícias nos jornais sobre o "caso Netchaiev" que preenchiam a vida de Dostoiévski quando, por entre os cadernos de apontamentos mantidos por ele, surgiram esboços das personagens que tomariam as páginas de *Os Demônios*.

Para esta análise, apesar dos protótipos de personagens e ideias serem pertinentes, os esboços em si não se encontram em destaque. Afinal, apesar de ter planejado escrever seu

---

<sup>64</sup> DOSTOIEVSKAIA, 1999, pg. 151.

<sup>65</sup> DOSTOIEVSKAIA, op. cit., pg. 151-152.

<sup>66</sup> FRANK, 2013, pg. 518.

romance em considerável rapidez, Dostoiévski, passado um ano desde sua primeira manifestação de interesse pela possível trama, ainda mudava o plano central da mesma, e suas personagens.

Em junho de 1870, quando deveria enviar alguns capítulos de seu romance a Katkov, seu editor, o autor se viu incapaz de cumprir o prazo: os manuscritos que havia escrito não se encontravam à altura de suas expectativas para o resultado final. Foi apenas em agosto deste mesmo ano que, após um mês improdutivo devido aos seus ataques epiléticos, Dostoiévski retornaria ao trabalho e recomeçaria seu romance, usando partes de seu manuscrito original no conjunto da obra.<sup>67</sup>

Havia, enfim, encontrado o que lhe incomodava na trama, e teve, assim, progresso.

Dessa forma, Dostoiévski trouxe à tona uma temática por entre as páginas de *Os Demônios* que seu compatriota, Turgueniev, já havia trabalhado em *Pais e Filhos*: o conflito entre as gerações de 1840 e 1860. A geração de Dostoiévski em oposição aos niilistas.

"A diferença [entre as gerações]", ele escreveu, "é que os seguidores de Tchernichévski simplesmente criticam abertamente a Rússia e desejam seu colapso," enquanto os antigos radicais de 1840 como Turgueniev, que são "filhos de Belinski [Belinski fora o maior crítico literário de 1840, um radical político e Ocidentalizador<sup>68</sup>], acrescentam que eles amam a Rússia".<sup>69</sup>

Mas essa geração de 1840, apesar de Frank apontar apenas uma diferença entre ambas, nessa análise, também fora a responsável pela suposta perversão dos jovens de 1860. O que quer que motivasse a juventude russa, tinha suas raízes na geração de Dostoiévski, Belínski, Turgueniev, Herzen e Bakunin. Nomes que, inclusive, fizeram parte deste mesmo cenário de convulsão social reimaginado em *Os Demônios*, ainda que suas participações viessem de frentes distintas.<sup>70</sup>

---

<sup>67</sup> FRANK, 2010, pg. 54 a 56.

<sup>68</sup> Nesse sentido, vale ressaltar o posicionamento de ocidentalistas e eslavófilos (os chamados *narodniki*). Para grande maioria da intelligentsia russa, como Préposiet coloca, o povo russo, especialmente os camponeses, detinham a "chave da justiça social". Os eslavófilos defendiam que, a fase burguesa durante o desenvolvimento russo, nas mesmas condições do Ocidente, podia e devia ser evitada. (PREPOSIET, 2007, pp. 411-412)

<sup>69</sup> Tradução livre do trecho: "'The difference [between the generations]," he wrote, "is that Chernyshevsky's followers simply criticize Russia openly and wish for its collapse," while the older radicals of the 1840s like Turgenev, who are "Belinsky's offspring [Belinsky was the greatest literary critic of the 1840s, a political radical and Westernizer], add that they love Russia'" (FRANK, op. cit., pg. 50).

<sup>70</sup> FRANK, 2013, pg. 524.

Em suma, o caso Netchaiev abriu "feridas" da irritação de Dostoiévski quanto à sua própria geração. Nikolai Spechniev, uma das figuras que cercavam Petrachévski durante a juventude de Dostoiévski, e o qual aliciara o mesmo durante os eventos que culminaram em sua prisão, foi quem inspirou, vinte anos mais tarde, a criação da personagem Nikolai Stavroguin, de *Os Demônios*<sup>71</sup>.

E na figura do filho de Stepan Trofimovitch, Piotr Verkhoviénski, - que Frank<sup>72</sup> alega se apresentar no romance como Netchaiev o fizera em frente ao seu grupo revolucionário: como o encarregado de uma poderosa organização clandestina, - aparece essa geração em constante conflito com a anterior, a que questiona os valores russos da mesma forma que Bazárov, em *Pais e Filhos*, o fizera.

Mas apesar da semelhança notada por Frank ante a Netchaiev, Dostoiévski fez questão de afirmar que Piotr não se parecia com a figura histórica do radical político. Esta seria uma personagem nascida de sua própria imaginação, uma personalidade que só se apresentava dessa forma, por ser esta a única capaz de cometer tais ofensas.

Para Dostoiévski,

(...) o Maquiavelismo de Piotr Verkhoviénski, puramente sócio-político em natureza, trazia o mesmo desafio para a base moral da vida e sociedade humana que os experimentos pessoais de Stavroguin traziam em tentar abolir seus sentimentos ante a distinção entre bem e mal<sup>73</sup>.

No fim, nenhuma das personagens do romance deveriam, de qualquer forma, remontar os fatos vividos na Rússia do Século XIX. Dostoiévski não se condicionou aos limites reais do caso Netchaiev. A questão aqui, parece cercar mais o que os fatos do contexto histórico da época significaram, ou de que forma os mesmos impactaram o autor, do que uma representação fidedigna de uma realidade histórica distribuída nas páginas de *Os Demônios*.

Ainda sim, os nihilistas reais ao lerem o romance de Dostoiévski, viram uma difamação do movimento através de Piotr Verkhoviénski que, ironicamente, durante a

---

<sup>71</sup> FRANK, 2008, pg. 335.

<sup>72</sup> FRANK, 2010, passim.

<sup>73</sup> Tradução livre do trecho: "For him, the Machiavellianism of Pyotr Verkhovensky, purely social- political in nature, issued the same challenge to the moral basis of human life and society as did the personal experiment of Stavrogin to abolish his feeling for the distinction between good and evil" (FRANK, 2010, pg. 60).

narrativa, segue certos aspectos do *Catecismo de um Revolucionário*, de Netchaiev, como o próprio emprego do preso Fiedka como braço executivo da revolução<sup>74</sup>.

Na propaganda de Bakunin-Netchaiev ou em outros acontecimentos e situações históricas facilmente identificáveis podemos encontrar fontes ou paralelos para quase todos os aspectos político-ideológicos de "Os Demônios".<sup>75</sup>

De certa forma, Piotr faz uso de Stavróguin, dos von Lembke e de Iúlia Mikhailovna para seus fins revolucionários, quase como se seguisse, passo a passo, o *Catecismo de um Revolucionário*.

Surge, aqui, então, outra personagem a compor a essência do niilismo que Dostoiévski retrata: Stavroguin. Uma das grandes polêmicas na publicação do próprio romance giraram em torno dessa mesma personalidade. O nono capítulo da segunda parte de *Os Demônios* supostamente retrataria uma confissão de Stavroguin sobre o estupro de uma criança de 12 anos e o subsequente suicídio da mesma, mas seus editores portaram-se relutantes ante a publicação.

Dostoiévski fizera reparos, e esperou por um ano, com as publicações dos capítulos de *Os Demônios* interrompidas, pela resposta dos editores que, no fim, negaram o capítulo por completo e forçaram o autor a reestruturar a trama. Frank sugere que, não fosse a relutância moral dos editores em publicar os conteúdos fortes do romance, talvez Stavroguin tivesse tido um papel ainda maior no enredo.<sup>76</sup>

De qualquer forma, todas essas personagens, independente de sua pretensa relevância para a trama, possuem uma espécie de fio condutor em termos de apresentação das mesmas para o público. Entre suas *Lições de Literatura Russa*, apesar de terem mais críticas à escrita de Dostoiévski e citações extensas do romance, do que uma análise propriamente dita, Nabokov coloca em destaque um ponto crucial da trama: a forma como as personagens parecem se aglomerar na casa de Várvara Pietrovna, uma após a outra, e desse núcleo, desenvolvem-se.

A conotação negativa que o autor coloca sobre a primeira parte do romance, dedicada às relações de Várvara Pietrovna e Stepan Trofimovitch, parece ligeiramente

---

<sup>74</sup> FRANK, 2013, pg. 584.

<sup>75</sup> Ibidem.

<sup>76</sup> FRANK, 2010.



tendenciosa, por entoar claramente sua posição crítica ante ao estilo de escrita de Dostoiévski. A apresentação de ambos, sua relação e a forma como a mesma constrói o cenário onde as personagens de *Os Demônios* são apresentadas aos leitores, são pontos que, em ausência, levariam consigo o núcleo onde todos se convergem.

O romance, que Nabokov define ao dizer:

Os Demônios é a história de terroristas russos que, tramando violência e destruição, de fato matam um dos seus. O romance foi denunciado como reacionário pelos chamados críticos radicais. Por outro lado, tem sido descrito como um estudo aprofundado de pessoas cujas ideias as conduziram a um pântano onde afundam<sup>77</sup>.

Só pode aludir ao "pântano", se este for materializado na forma de uma casa que pertencia a uma mulher que, por sua relação com um amigo próximo, proporciona o fio condutor da trama rica e absorta nas problemáticas morais dos homens.

Problemáticas, essas, que parecem coerentes, inclusive, com a moralidade atual. Mas ao que diz respeito ao romance *Os Demônios*, o real objetivo de Dostoiévski, por mais que as análises tenham ganhado a faceta absolutista que a memória sempre usa em cada voz que a profere, residia na simples tentativa de mostrar como "o mais puro dos corações e as pessoas mais inocentes podem ser convencidas a cometer ofensas monstruosas"<sup>78</sup>.

---

<sup>77</sup> NABOKOV, 2015, pg. 177.

<sup>78</sup> "What he had tried to show in Demons, he explained, was that "even the purest of hearts and the most innocent of people can be drawn into committing such a monstrous offence"" (FRANK, 2010, pg. 62).

## Considerações Finais.

O estudo do niilismo do século XIX na Rússia pode ser arquitetado de várias formas, com quaisquer alicerces que sejam considerados adequados. Para este trabalho, em oposição ao acesso claro que *Pais e Filhos* de Turgueniev representa, ou a visão de dentro do movimento em *O que fazer?* de Tchernichevski, a obra *Os Demônios* de Dostoiévski foi a porta escolhida rumo ao passado.

Através de suas personagens complexas, da trama grossa e cheia de facetas, o romance é um exemplo de como a "história toma como sinal de alguma coisa que se passou e que permite descobrir e reconstituir. Ela interessa-se pelo que está no exterior do texto, independente dele, pela realidade extratextual que visa"<sup>79</sup>.

Para além de seu conteúdo inerente, está seu contexto histórico de produção, os conflitos entre gerações e as ideias políticas que, apesar de passarem por mudanças, perpetuaram-se em território russo através de vários nomes, não só "niilistas".

Para o recorte deste trabalho, através do estudo feito não só da obra *Os Demônios*, mas como dos pontos adjacentes considerados pertinentes para a compreensão do quadro completo, conclui-se quatro pontos fundamentais. O primeiro indica que a trajetória de vida e as experiências com círculos revolucionários da década de 1840, acabaram por sensibilizar Dostoiévski para o tema e a visão dos jovens revolucionários da década de 1860 em diante.

O segundo, demonstra como o lançamento do livro de Turgueniev, *Pais e Filhos*, foi crucial não só para a "popularização" dos niilistas, como foi o gatilho para produções como: *O que fazer?*, de Tchernichévski, e *Os Demônios*, de Dostoiévski. Em um terceiro, a gradual evolução do movimento niilista a partir do momento em que Dobroliúbov, Píssarev e Tchernichévski são os principais nomes do mesmo, até a onda extremista de Netchaiev, onde figuras como Herzen e Bakunin reaparecem, está intimamente ligada com a produção de *Os Demônios*.

O quarto ponto, e último, conclui que a representação prática do Catecismo de um Revolucionário, de Netchaiev, e versões caricaturadas de personagens do movimento niilista e da vida "revolucionária" que Dostoiévski levava, estão presentes em *Os Demônios*.

---

<sup>79</sup> PROST, 1998, pg. 130.

E por fim, o estranho que bateu à porta assistiu ao seu crescimento desenfreado e sua ruína subsequente, e nós, ao emprestarmos os olhos de Dostoiévski, talvez tenhamos feito quase o mesmo.

## FONTES BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDDT, Hannah. **Sobre a Revolução**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política - Volume 1**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.
- BERDIAEFF, Nicolas. **O espírito de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Editora Panamericana, 1921.
- BERLIN, Isaiah. **Pensadores russos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- BIANCHI, Maria de Fátima. **Dostoiévski e a crítica russa**. Magma, n. 8, 2002/2003, pp. 87-99.
- BOURGET, P. **Essais de psychologie contemporaine**. Paris: Gallimard, 1993.
- DOSTOIEVSKAIA, Anna Grigorievna. **Meu Marido Dostoiévski**. Tradução de Zoia Prestes. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- DOSTOIEVSKI, Fiodor. **Os Demônios**. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2013.
- DOSTOIEVSKI, Fiodor. **Crime e Castigo**. São Paulo: Editora 34, 2009.
- DOSTOIEVSKI, Fiodor. **Irmãos Karamázov**. São Paulo: Editora 34, 2012.
- DOSTOIEVSKI, Fiodor. **Memórias do Subsolo**. São Paulo: Editora 34, 2000.
- FRANK, Joseph. **Dostoiévski: Os Anos Milagrosos, 1865 a 1871**. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.
- FRANK, Joseph. **Dostoiévski: Os Efeitos da Libertação, 1860 a 1865**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.
- FRANK, Joseph. **Dostoiévski: As Sementes da Revolta, 1821 a 1849**. Tradução de Vera Pereira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- FRANK, Joseph. **Between Religion and Rationality: Essays in Russian Literature and Culture**. New Jersey: Princeton University Press, 2010.
- GADAMER, Hans-Georg. **O problema da consciência histórica**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

- HUGUENIN, Ana Carolina. **O que fazer? Pais e Filhos modernidade e revolução.** Revista Contemporânea - Dossiê História & Literatura, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, 2013.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.
- NABOKOV, Vladimir. **Lições de Literatura Russa.** São Paulo: Três Estrelas, 2015.
- NIETZSCHE, F. **A Vontade de Poder.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- NIETZSCHE, F. **Sämtliche Briefe. Kritische Studienausgabe.** Berlim: de Gruyter-dtv, 1986.
- OLIVEIRA, Cássia. **Dostoiévski e o Niilismo Russo.** Interações: Cultura e Comunidade, Uberlândia, v. 7, n. 12, p. 49-68, jul./dez. 2012.
- PRÉPOSIET, Jean. **História do Anarquismo.** Tradução de Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições 70, 2007.
- PROST, Antoine. "Social e cultural indissociavelmente". In: Jean-Pierre Rioux, Jean François Sirinelli (orgs.). **Para uma história cultural.** Lisboa: Estampa, 1998.
- REVEL, Jacques. "Cultura, culturas: uma perspectiva historiográfica". In: \_\_\_\_\_. **Proposições. Ensaios de uma história e historiografia.** Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2009.
- TCHERNICHEVSKI, Nikolai. **O que fazer?.** Curitiba: Editora Prismas, 2015.
- TURGUENIEV, Ivan. **Pais e Filhos.** São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- TURGUENIEV, Ivan. **Memorie letterarie.** Florença: Passigli, 1992.
- VATTIMO, Gianni. **O Fim da Modernidade: Niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- VOLPI, Franco. **O niilismo.** São Paulo: Loyola, 2012.
- WALICKI, Andrzej. **A History of Russian Thought: from the enlightenment to marxism.** Stanford: Stanford University Press, 1979.

## **Declaração de Autenticidade**

Eu, Amanda Monteiro Bortoluzzi Pires, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado "Urais Vermelhos: O Nihilismo aos Olhos de Dostoiévski em "Os Demônios"" foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico.

---

**Amanda Monteiro Bortoluzzi Pires**